

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE ENGENHARIA  
CAMPUS DE ILHA SOLTEIRA**

**PRÁTICAS E PERCEPÇÕES DAS AGRICULTORAS ASSENTADAS DE SELVÍRIA-  
MS QUANTO À MANUTENÇÃO OU AMPLIAÇÃO DA AGROBIODIVERSIDADE**

**JHONY DANTAS RODRIGUES DA SILVA**

**Orientadora:** Profa. Dra. Flaviana Cavalcanti da  
Silva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Engenharia da Unesp – Câmpus de Ilha  
Solteira, como parte dos requisitos para obtenção do  
grau de Engenheiro Agrônomo.

Ilha Solteira - SP

Junho de 2026

**JHONY DANTAS RODRIGUES DA SILVA**

**PRÁTICAS E PERCEPÇÕES DAS AGRICULTORAS ASSENTADAS DE SELVÍRIA-  
MS QUANTO À MANUTENÇÃO OU AMPLIAÇÃO DA AGROBIODIVERSIDADE**

Ilha Solteira - SP

Junho de 2026

FICHA CATALOGRÁFICA

Desenvolvido pelo Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação

S586p Silva, Jhony Dantas Rodrigues da.  
Práticas e percepções das agricultoras assentadas de Selvíria- MS quanto à manutenção ou ampliação da agrobiodiversidade / Jhony Dantas Rodrigues da Silva. -- Ilha Solteira: [s.n.], 2026  
38 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Engenharia Agrônômica) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Engenharia, Ilha Solteira, 2026

Orientadora: Flaviana Cavalcanti da Silva

Inclui bibliografia

1. Mulheres do campo . 2. Agrobiodiversidade. 3. Agricultura familiar . 4. Agroecologia .

**FACULDADE DE ENGENHARIA – UNESP – CÂMPUS DE ILHA SOLTEIRA**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA AGRONÔMICA**

**ATA DA DEFESA – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**TÍTULO:** *Práticas e percepções das agricultoras assentadas de Selvíria-MS quanto à manutenção ou ampliação da agrobiodiversidade*

**ALUNO(A):** Jhony Dantas Rodrigues da Silva

**RA:** 202054675

**ORIENTADOR(A):** Profa. Dra. Flaviana Cavalcanti da Silva

**Aprovado ( x ) Reprovado ( ) pela Comissão Examinadora com nota obtida: 10**

**Comissão Examinadora:**

Documento assinado digitalmente  
 FLAVIANA CAVALCANTI DA SILVA  
Data: 19/06/2026 17:13:49-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. \_\_\_\_\_

**Presidente (Orientadora)**

Documento assinado digitalmente  
 ANTONIO LAZARO SANT ANA  
Data: 17/06/2026 16:14:21-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. \_\_\_\_\_

**Prof. Dr. Antonio Lázaro Sant'Ana**

Documento assinado digitalmente  
 NATALIA GABRIELA ROS MARQUES DE OLIVEIRA  
Data: 19/06/2026 08:36:35-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

\_\_\_\_\_  
**Ma. Natália Gabriela Rós Marques De Oliveira**

Documento assinado digitalmente  
 JHONY DANTAS RODRIGUES DA SILVA  
Data: 19/06/2026 17:24:30-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

\_\_\_\_\_  
**Jhony Dantas Rodrigues da Silva**  
Aluno

Ilha Solteira (SP), 17 de junho de 2026.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus, por me proporcionar saúde, resiliência e sabedoria para a conclusão da graduação.

À minha família, especialmente minha esposa Ana Carolina e minha mãe Alzira por sempre acreditarem no meu potencial e me apoiar na minha trajetória universitária, tanto nos momentos bons, como nos desafiadores.

Meus agradecimentos ao professor Dr. Antonio Lázaro Sant'Ana , por todo apoio durante a graduação. Agradeço minha Orientadora, professora Dra. Flaviana Cavalcanti da Silva, por sua dedicação, compreensão, paciência e ensinamentos.

Meu sincero agradecimento ao Grupo Guatambu e seus participantes por terem me auxiliado nas pesquisas e nos momentos em grupos que tivemos. Agradeço ao cursinho diferencial da Unesp, unidade de Andradina, onde tive professores que me ensinaram e apoiaram na trajetória de ingresso na universidade.

Agradeço todo o corpo Docente da Unesp Feis, por me preparem como futuro Engenheiro Agrônomo, pelos conhecimentos técnicos transmitidos que me auxiliarão na minha futura profissão. Gostaria de agradecer os funcionários da Unesp/FEIS como um todo.

Meus agradecimentos ao CNPq, pela compreensão e relevância do tema abordado e conceder a bolsa de Iniciação Científica, a qual deu origem a este trabalho.

Agradeço aos meus colegas de sala, Diogo, Thiago, Julliely e Merolyn, por estarem sempre juntos realizando os trabalhos da graduação e pelas risadas descontraídas dentro e fora da universidade.

E por fim agradeço a todos que fizeram parte dessa jornada, meus mais sinceros agradecimentos.

“Se a educação sozinha não  
transforma a sociedade, sem ela  
tampouco a sociedade muda.”

**Paulo Freire.**

## RESUMO

Esta pesquisa objetivou identificar e analisar as percepções e práticas desenvolvidas por agricultoras, pertencentes a três assentamentos rurais de Selvíria-MS, relacionadas à manutenção ou ampliação da agrobiodiversidade, averiguando, a partir da perspectiva de gênero, os elementos subjetivos e práticos que influenciam nesse processo. Caracterizado por uma abordagem qualiquantitativa e respaldado em levantamentos bibliográfico, documental e empírico (entrevista semiestruturada e grupo focal), este estudo contemplou 15 agricultoras. Os elementos captados corroboram o protagonismo das agricultoras em processos de manutenção e ampliação da agrobiodiversidade. A maioria das agricultoras adota métodos pautados na perspectiva agroecológica, buscando reduzir a utilização de insumos externos (sobretudo de agrotóxicos), em decorrência de preocupações com a saúde da família e com os recursos naturais. Os relatos evidenciam que a grande maioria das agricultoras apresenta uma postura consciente e crítica sobre as implicações inerentes à agricultura convencional e que suas estratégias socioprodutivas são delineadas por preocupações e sentidos que extrapolam a racionalidade instrumental e orientam-se pela racionalidade substantiva. Espera-se que as estratégias governamentais para a promoção dos assentamentos rurais de Selvíria-MS (como as ações de Assistência Técnica e Extensão Rural) considerem essas questões e apresentem coerência com a gama de saberes, valores e potência das mulheres que constituem esses espaços.

**Palavras-chave:** Mulheres do campo, Agrobiodiversidade, Agricultura Familiar, Agroecologia.

## ABSTRACT

This research aimed to identify and analyze the perceptions and practices of female farmers in three rural settlements in Selvíria, Mato Grosso do Sul (MS), regarding the maintenance or expansion of agrobiodiversity, while examining from a gender perspective the subjective and practical elements influencing this process. Employing a mixed-methods (qualitative-quantitative) approach and grounded in bibliographic, documentary, and empirical research (semi-structured interviews and focus groups), the study involved 15 female farmers. The findings confirm the pivotal role these women play in maintaining and expanding agrobiodiversity. Most of the farmers adopt methods based on agroecological principles, seeking to reduce the use of external inputs particularly pesticides driven by concerns for family health and natural resources. Their accounts reveal that the vast majority maintain a conscious, critical stance regarding the implications of conventional agriculture; furthermore, their socio-productive strategies are shaped by concerns and values that transcend instrumental rationality, aligning instead with substantive rationality. It is hoped that government strategies to support these rural settlements in Selvíria-MS (such as Technical Assistance and Rural Extension) initiatives will take these issues into account and remain consistent with the diverse knowledge, values, and potential of the women who inhabit these spaces

**.Keywords:** Rural women, Agrobiodiversity, Family farming, Agroecology.

## LISTA DE TABELAS

|                                                                                                                                                                                             |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1 – Características dos assentamentos rurais de Selvíria-MS .....                                                                                                                    | 18 |
| Tabela 2 – Estrutura Fundiária do Município de Selvíria (MS) .....                                                                                                                          | 19 |
| Tabela 3 – Principais Culturas Temporárias e participação da Agricultura familiar no Município de Selvíria (MS).....                                                                        | 20 |
| Tabela 4 – Números de estabelecimentos da Agricultura Familiar que cultivam Olerícolas no município de Selvíria (MS).....                                                                   | 21 |
| Tabela 5 – Efetivos da Pecuária, em termos de número de estabelecimentos e número total de cabeças e percentual de participação da agricultura familiar, no município de Selvíria (MS)..... | 21 |
| Tabela 6 – Comparativo da produção de leite entre estabelecimentos da Agricultura familiar e Agricultura não familiar no Município de Selvíria (MS). ....                                   | 22 |
| Tabela 7 – Distribuição dos agricultores de Selvíria (MS) e percentuais em relação a faixa etária.....                                                                                      | 22 |
| Tabela 8 – Práticas de Manejo realizadas pelos(as) Agricultores(as) Familiares e participação em percentuais referente ao Município de Selvíria (MS).....                                   | 24 |
| Tabela 9 – Órgãos que prestam Assistência técnica para os agricultores familiares no Município de Selvíria (MS).....                                                                        | 24 |
| Tabela 10 – Produção das agricultoras entrevistadas do Município de Selvíria (MS).....                                                                                                      | 27 |

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

|                                                                                                              |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 – Mapa de localização do Município de Selvíria (MS).....                                            | 17. |
| Figura 2 – Práticas de manejo realizadas pelas Agricultoras entrevistadas do Município de Selvíria (MS)..... | 28. |

## **LISTA DE SIGLAS**

|        |                                                             |
|--------|-------------------------------------------------------------|
| A.F    | Agricultura Familiar                                        |
| ATER   | Assistência Técnica e Extensão Rural                        |
| SAF's  | Sistemas Agroflorestais                                     |
| INCRA  | Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária         |
| PRONAF | Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar |
| PNAE   | Programa Nacional de Alimentação Escolar                    |
| PAA    | Programa de Aquisição de Alimentos                          |
| AGRAER | Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural         |

# SUMÁRIO

|                                                                                                                          |           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                | <b>11</b> |
| <b>2 REVISÃO DE LITERATURA .....</b>                                                                                     | <b>13</b> |
| <b>2.1 Agricultura familiar: definição legal, potencialidades e (algumas) estratégias para o seu fortalecimento.....</b> | <b>13</b> |
| <b>2.2 Agroecologia e agrobiodiversidade: algumas noções e o protagonismo feminino</b>                                   | <b>15</b> |
| <b>2.3 Aspectos socioeconômicos do município de Selvíria e os seus projetos de reforma agrária .....</b>                 | <b>17</b> |
| <b>2.4 Estrutura Fundiária, características dos estabelecimentos e dos produtores do Município de Selvíria-MS.....</b>   | <b>18</b> |
| <i>2.4.1 Estrutura Fundiária.....</i>                                                                                    | <i>18</i> |
| <i>2.4.2 Principais Culturas Temporárias, Permanentes e Olerícolas .....</i>                                             | <i>19</i> |
| <i>2.4.3 Efetivos de pecuária e produção de leite .....</i>                                                              | <i>21</i> |
| <i>2.4.4. Características dos Produtores e dos Estabelecimentos.....</i>                                                 | <i>22</i> |
| <b>3 CONTEXTO, METODOLOGIA E TÉCNICAS DE PESQUISA.....</b>                                                               | <b>25</b> |
| <b>3.1 Aspectos gerais da pesquisa: sujeitos participantes, procedimentos e técnicas ....</b>                            | <b>25</b> |
| <b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>                                                                                     | <b>26</b> |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                                      | <b>33</b> |
| <b>6 REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                                | <b>35</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A região de Três Lagoas/MS, na qual está situado o município de Selvíria, constitui um dos maiores empreendimentos de linha contínua de celulose, em virtude da territorialização do capital atrelado ao complexo de eucalipto-celulose-papel (Almeida, 2012). A territorialização dos monopólios resulta, de forma concomitante, no controle da propriedade privada da terra, do processo produtivo no campo e do processamento industrial da produção agropecuária e florestal (Oliveira, 2020).

O modelo de produção de eucalipto voltado para a obtenção de celulose segue os parâmetros do monocultivo, pautando-se nos padrões da revolução verde. Essa característica acentua a relevância de estudos nos municípios que compõem a região de Três Lagoas/MS sobre os aspectos que envolvem a agricultura familiar regional/local e possíveis modelos de agricultura (mais) sustentáveis, buscando-se também o (re)conhecimento dos sujeitos que exercem protagonismo, dentre os esforços para a manutenção ou ampliação da agrobiodiversidade na região.

Castro (2017) argumenta que a revolução verde, por meio de um amplo programa de crédito e de outros incentivos concedidos pelo governo, concretizou a concepção de progresso no campo, a partir de sistemas de produção baseados na articulação de tecnologias intensivas, capital e informações. Moreira (2000) ressalva em seu trabalho que uma das críticas à revolução verde relaciona-se com a poluição, contaminação dos recursos naturais e dos alimentos, a marcante perda da biodiversidade, a destruição dos solos e o assoreamento dos rios. Dessa crítica, emergem os movimentos de agricultura alternativa, centrados em preceitos que fundamentam a agricultura orgânica e a agroecologia (Moreira, 2000).

Diante das implicações negativas da revolução verde, revela-se fundamental a proposição, construção e promoção de modelos de desenvolvimento rural alicerçados na sustentabilidade, em seu aspecto mais amplo, envolvendo as dimensões econômica, social, ambiental, política e cultural (Bezerra, 2018). Para Caporal e Costabeber (2007), a agroecologia conforma a base teórica e metodológica para a construção de uma agricultura mais sustentável.

A agroecologia é entendida como campo de conhecimento que visa desenvolver as bases teóricas, científicas e metodológicas para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável. Essa agricultura se estrutura em processos produtivos que são gerados pela integração do conhecimento científico e do conhecimento local, levando em consideração as bases ecológicas que regem os processos reprodutivos dos diferentes elementos do ecossistema (BUAINAIN *et al.*, 2005, p58).

A superação da agricultura convencional e o alcance de modelos de produção sustentáveis pressupõe um processo compreendido como transição agroecológica. Costabeber

(1998) descreve a transição agroecológica como um processo gradual de mudanças, nas formas de manejo e gestão dos agroecossistemas, que permite a conversão do sistema de produção convencional, fundamentado no emprego de agroquímicos, em modelos baseados em princípios, métodos e tecnologias ecológicas.

Um dos modelos mais utilizados no contexto dessa transição refere-se aos Sistemas Agroflorestais (SAFs). De acordo com Nair (2006), os sistemas agroflorestais visam à integração do uso da terra e de tecnologias de manejo, permitindo o cultivo simultâneo ou sequencial de espécies lenhosas em associação com culturas agrícolas e/ou a criação de animais em uma mesma unidade produtiva. Por meio de distintos arranjos espaciais e temporais, esses sistemas promovem a complementaridade entre seus componentes, favorecendo interações ecológicas e econômicas que contribuem para a sustentabilidade e a eficiência produtiva.

A promoção da transição agroecológica, seja por meio de sistemas agroflorestais ou outros sistemas de base ecológica, pressupõe o protagonismo dos agricultores e agricultoras, no sentido da reconstrução e apropriação do saber agroecológico, por meio de processos participativos, que promovam o empoderamento e a autonomia dos atores sociais do campo (Bezerra, 2018).

O protagonismo exercido pelas mulheres na agricultura apresenta grande expressividade, conforme observa Oakley (2004); segundo suas conclusões, as mulheres possuem um vasto conhecimento dos sistemas agrícolas, dominando técnicas de manejo variadas e exercendo papel central na constituição e manutenção dos quintais produtivos. De acordo com Almada e Souza (2017), os quintais produtivos são importantes espaços no que tange (também) às relações sociais, sendo descritos como ambientes privilegiados de sociabilidade, uma vez que configuram cenários de divulgação e atualização de saberes tradicionais, de relações entre humanos e não humanos, de aprendizados e vivências. Os quintais também são caracterizados pela diversidade sociocultural e de espécies, podendo reunir plantas nativas e espécies cultivadas; elementos esses que compõem a agrobiodiversidade manejada pelas diferentes populações humanas, de maneira a manter a viabilidade ecológica e contribuir para a conservação genética (Jalil *et al.*, 2019).

A mulher é o sujeito central desses espaços, permitindo que todo processo ecológico, social e cultural ocorra. O seu amplo papel reflete na promoção da soberania e segurança alimentar, como resultado de conhecimentos transmitidos de geração para geração, visando a reprodução de estratégias de manejo e de conservação da agrobiodiversidade, a partir da diversidade de saberes (Silva, 2019). Apesar do protagonismo exercido pelos sujeitos femininos no contexto da agricultura, as mulheres ainda se deparam com situações que tendem a

invisibilizá-las e a interpretar o seu trabalho como secundário, atribuindo-se ao homem o papel de verdadeiro agricultor (Herrera *et al.*, 2024).

Frente ao exposto, este trabalho objetiva identificar e analisar as percepções e possíveis práticas relacionadas à manutenção ou ampliação da agrobiodiversidade, desenvolvidas por agricultoras pertencentes a três assentamentos rurais localizados em Selvíria-MS (assentamentos Canoas, Alecrim e São Joaquim). A partir dessa análise, pretende-se averiguar também elementos (subjetivos e práticos) tangentes à perspectiva de gênero, presentes na vida e trabalho dessas mulheres, que influenciam na sua relação com a agrobiodiversidade.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Agricultura familiar: definição legal, potencialidades e (algumas) estratégias para o seu fortalecimento

A partir da década de 1990, intensificaram-se os debates em torno da noção de *agricultura familiar*. Embora muitas pesquisas e documentos oficiais mencionem o conceito diretamente, ainda se observa o emprego de termos diversos para denominar o segmento, como por exemplo, agricultura camponesa e agricultura de pequena escala, dentre outros (Castro, 2024). A delimitação do segmento no país está pautada na Lei nº 11.326/2006, segundo a qual, os agricultores familiares são aqueles que atendem simultaneamente aos seus quatro requisitos:

- I - Não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;
- II - Utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;
- III - Tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;
- IV - Dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família (Brasil, 2006, art. 3º).

De acordo com os dados do último Censo Agropecuário (IBGE, 2017), a agricultura familiar brasileira detinha 77% dos estabelecimentos agropecuários do país, os quais estavam concentrados em 23% da área ocupada com a atividade agropecuária (80,9 milhões de hectares). Apesar dessa abrangência reduzida em termos de área (comparativamente àquela ocupada pelos agricultores não familiares), o segmento respondia pela ocupação de 10,1 milhões de pessoas, ou seja, 67% da mão de obra vinculada ao setor agropecuário.

No Brasil, a agricultura familiar desempenha uma grande contribuição na produção de alimentos, com destaque na produção animal, como a produção de leite, mas também tem grande participação na produção vegetal (como hortaliças e frutas), constituindo um segmento

estratégico para o abastecimento em diversos locais do país.

Ainda que o segmento seja alvo de visões preconceituosas e reducionistas, o desenvolvimento socioeconômico de muitas regiões brasileiras é impulsionado pelas atividades agropecuárias da agricultura familiar. Mesmo em face de suas múltiplas potencialidades, a agricultura familiar enfrenta muitos obstáculos no que tange, especialmente, a sua reprodução socioeconômica. Para Ramos e Filho (2023) a produção em menor escala (característica da agricultura familiar) pode resultar em dificuldades, dadas as desvantagens na aquisição de insumos e acesso aos mercados consumidores. Para contornar essa situação, os agricultores familiares lançam mão de estratégias como a participação no âmbito do cooperativismo ou do associativismo. Nessa direção, Abdulai *et al.* (2019) sugerem que pequenos produtores conseguem superar as restrições mencionadas por meio de organizações em grupo, como as cooperativas e associações produtivas. Segundo Charles *et al.* (2019), as cooperativas têm como diretriz propiciar oportunidades e serviços de cunho econômico, incluindo organização produtiva, comercialização dos produtos, compartilhamento de informações, fornecimento de serviços de assistência técnica, além de facilitar acesso a serviços bancários. A importância das cooperativas relaciona-se com a possibilidade de superação de vários problemas comuns ao processo produtivo agrícola, como a ampliação do acesso a alguns serviços, compra coletiva de insumos, contratação de orientação técnica e acesso a canais de venda e processamento dos produtos agrícolas (Hellin *et al.*, 2009). Na prática, as cooperativas aumentam a renda dos agentes e contribuem para o desenvolvimento socioeconômico dos cooperados (Charles *et al.*, 2019), constituindo-se, portanto, em uma alternativa para o fortalecimento da agricultura familiar.

A Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) possui relevância política e socioeconômica, configurando-se como uma estratégia para a promoção do desenvolvimento rural no Brasil (Alves *et al.*, 2024). No trabalho desenvolvido por Vieira *et al.* (2015), a respeito da importância da ATER, os autores afirmam que essa é uma ferramenta de legitimação ao desenvolvimento sustentável, além de possuir função de instrumento pedagógico e compartilhamento de informações, por meio de um processo de comunicação horizontal (Extensionista/Agricultor, Agricultor/Extensionista).

De acordo com Vargas (2017), a extensão rural é de grande importância no contexto dos estabelecimentos agropecuários familiares, considerando-se aspectos que reportam as suas dimensões social, ambiental, econômica e cultural. Os autores em questão observam, também, que a extensão rural passou por expressivas mudanças de interpretação ao longo do tempo, haja vista o período em que essa se manteve alicerçada no modelo difusionista e que, após a

emergência do paradigma do humanismo crítico, passou a incorporar metodologias participativas; mudanças essas que dialogam com as transformações do campo e com a proposta de desenvolvimento rural integrada ao conceito de sustentabilidade.

A ATER tende a contribuir para a ampliação da sustentabilidade nos estabelecimentos familiares, especialmente, quando norteada pelo enfoque agroecológico. O intercâmbio de conhecimentos entre agricultores e profissionais ligados à ATER pode facilitar a construção coletiva de soluções; as quais permitam otimizar recursos da propriedade, estruturar arranjos produtivos mais sustentáveis (como os Sistemas Agroflorestais – SAFs) e maximizar o uso de recursos endógenos, reduzindo a dependência em relação aos insumos externos (como agrotóxicos e fertilizantes comerciais). Ações nessas circunstâncias apresentam relevância no processo de transição para modelos de agricultura sustentáveis, revelando potencialidades para a ampliação ou manutenção da agrobiodiversidade.

O acesso à ATER se mostra elementar também para que os agricultores familiares possam aceder às políticas públicas concebidas para o segmento (ou ampliar o acesso a essas), incluindo as políticas de financiamento (com destaque para o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - Pronaf) e as políticas de comercialização, tais como o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA e Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE. De acordo com Figueiredo *et al.* (2024), essas políticas (PAA e PNAE) contribuem para a permanência dos agricultores no campo, tendendo a fortalecer o papel das cooperativas e associações ligadas ao segmento da agricultura familiar, o que demonstra a relevância das políticas públicas para o fortalecimento das famílias agricultoras.

## **2.2 Agroecologia e agrobiodiversidade: algumas noções e o protagonismo feminino**

A agrobiodiversidade pode ser compreendida como o processo de relações e interações do manejo da diversidade e interação de espécies, com conhecimentos tradicionais, uso e manejo de múltiplos agroecossistemas (Machado *et al.*, 2008). Plantas, animais e microrganismos desempenham um papel fundamental para a regulação do serviço de ecossistemas essenciais; os quais envolvem a conservação da água e solo, a decomposição de resíduos orgânicos e a reciclagem de nutrientes, a polinização, o controle de pragas e doenças, a regulação climática, o controle de erosão e o sequestro de carbono, dentre outras funções (Leite, 2012).

Segundo Rodrigues *et al.* (2012), a agrobiodiversidade constitui uma parte representativa da biodiversidade, englobando todos os elementos que estão interagindo com a produção

agrícola, como cultivos, criações, plantas espontâneas, pragas, parasitas, polinizadores, inimigos naturais e os microrganismos simbiotes.

A Agroecologia e a agrobiodiversidade estão interligadas, em consequência das suas conexões com o meio ambiente, os agroecossistemas, a agricultura familiar e as comunidades tradicionais, que formam um grande complexo funcional com diversas interações, culminando nos sistemas agroecológicos (Leite, 2012). Além da sua dimensão ambiental, os agroecossistemas são fundamentais para a dimensão econômica e social da biodiversidade, possibilitando aos agricultores alternativas para as flutuações de mercado, contemplando também aspectos como a segurança alimentar em períodos climáticos ou comerciais críticos (Cunha, 2017).

Na pesquisa de Marchetti *et al.* (2020), enfatiza-se que a agrobiodiversidade ganhou centralidade a partir dos anos 2000, quando houve um posicionamento favorável do governo federal associado à orientação de movimentos sociais, convergindo para a elaboração de políticas públicas em favor da agroecologia e da soberania alimentar; isso permitiu a inclusão da agrobiodiversidade na pauta de ações da reforma agrária, reforçando a importância da diversidade agrícola e das práticas tradicionais de produção e manejo. Tais autores sinalizam que a manutenção ou perda da agrobiodiversidade nas áreas de reforma agrária não resulta apenas do acesso dos agricultores à terra, mas relaciona-se com a criação de condições que sejam dignas e capazes de viabilizar o bem-estar das famílias assentadas.

Preponderantemente, o trabalho no âmbito das práticas que permitem ampliar a sustentabilidade dos sistemas produtivos é desenvolvido pelas mulheres agricultoras, sendo muitas vezes escassas as contribuições dos demais constituintes da família nessa esfera. É importante observar a representatividade da mulher na força de trabalho da unidade familiar, uma vez que, ademais das atividades produtivas, as tarefas de cunho reprodutivo tendem a se concentrar (quase que) exclusivamente nos sujeitos femininos (Fuch, 2015).

Conforme assinalado por Siliprandi (2007), as mulheres são os sujeitos principais nos processos de mudança em direção a modelos produtivos mais ecológicos. Esse protagonismo, ainda conforme observa a autora, deriva da preocupação dos sujeitos femininos com a saúde da família, bem como com o esgotamento dos recursos naturais, a partir dos quais elas desenvolvem as suas atividades cotidianas.

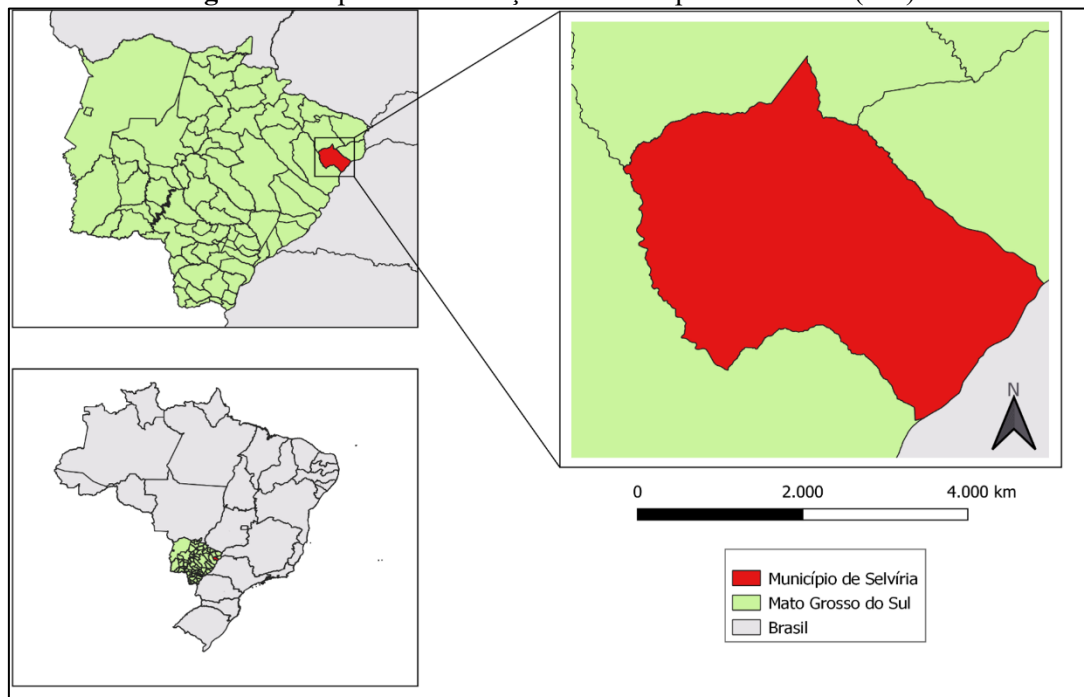
A agroecologia está alinhada à racionalidade substantiva por fundamentar suas práticas em valores éticos, sociais e ambientais, que vão além da lógica econômica. Dessa forma, promove a sustentabilidade, a autonomia dos agricultores, a cooperação e o bem-estar coletivo, integrando a produção agrícola à conservação dos recursos naturais. Porém em muitas

propriedades usa-se a racionalidade instrumental que se fundamenta no cálculo utilitário das consequências das ações, orientando-se pela busca do êxito econômico e da obtenção de poder. Nessa perspectiva, pressupõe-se que as decisões dos indivíduos sejam motivadas, principalmente, por incentivos econômicos, interesses utilitaristas e pela maximização dos ganhos financeiros e do poder. Em contrapartida, a racionalidade substantiva direciona a ação para a autorrealização, a satisfação pessoal, o julgamento ético, a autenticidade, a autonomia e a promoção de valores emancipatórios, como a solidariedade, a liberdade e o bem-estar coletivo (Serva, 1996).

### 2.3 Aspectos socioeconômicos do município de Selvíria e os seus projetos de reforma agrária

O Município de Selvíria está localizado no leste do estado de Mato Grosso do Sul, compreende um território de 3.254,917 km<sup>2</sup> e dispõe de uma população estimada em 8.142 habitantes; o seu Índice de Desenvolvimento Humano - IDH corresponde a 0,682, situando-se na faixa que abrange, portanto, aqueles municípios considerados de *Médio Desenvolvimento Humano* (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, 2010; IBGE, 2022).

**Figura 1.** Mapa de Localização do município de Selvíria (MS).



**Fonte:** Elaborado pelo autor QGIS, 2024.

Como descrito na Tabela 9, há três projetos de assentamento (PA) no município de Selvíria-MS: PA Alecrim, PA São Joaquim e PA Canoas; esses abrangem uma área total de 9.818,22 ha, contemplando 453 famílias (INCRA, 2026).

**Tabela 1** - Características dos assentamentos rurais de Selvíria-MS

| <b>Projeto de Assentamento</b> | <b>Área (ha)</b> | <b>Nº famílias</b> | <b>Ato de criação (ano)</b> |
|--------------------------------|------------------|--------------------|-----------------------------|
| PA Alecrim                     | 1.530,06         | 87                 | 2006                        |
| PA Canoas                      | 4.773,91         | 183                | 2007                        |
| PA São Joaquim                 | 3.514,25         | 183                | 2008                        |
| <b>Total</b>                   | 9.818,22         | 453                | -                           |

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base em INCRA (2026).

Observa-se que os três PA's foram criados na segunda metade da década de 2000 (entre os anos de 2006 e 2008). O Assentamento São Joaquim (espaço onde foi organizado o grupo focal, realizado no âmbito deste estudo) foi o terceiro a ser criado (2008), sua área abrange 3.500ha e contempla 183 famílias (Tabela 1).

## **2.4 Estrutura Fundiária, características dos estabelecimentos e dos produtores do Município de Selvíria-MS**

### *2.4.1 Estrutura Fundiária*

A análise dos dados do Censo Agropecuário de 2017 permitiu verificar que a concentração fundiária ainda configura um traço marcante da estrutura agrária do município de Selvíria-MS. Mesmo com as iniciativas do poder público federal relacionadas à reforma agrária, as quais resultaram na criação de três Projetos de Assentamentos (PA Alecrim, PA São Joaquim e PA Canoas), ainda é marcante a desigualdade da distribuição de terras no município em questão.

No município de Selvíria-MS, a maior parte dos estabelecimentos (63,7%) encontra-se na faixa de área de 10-20 ha; entretanto, o quantitativo de estabelecimentos com essa dimensão abrange apenas 1,66% da área total ocupada com estabelecimentos agropecuários. Ainda dentro dessa faixa de área, 81,61% são estabelecimentos da agricultura familiar; esse segmento responde por aproximadamente 60% do total dos estabelecimentos agropecuários presentes no município de Selvíria-MS (Tabela 1).

Ao analisar os dados do Censo Agropecuário 2017 (Tabela 2), observa-se que o município de Selvíria-MS dispõe de um número expressivo de estabelecimentos com grandes áreas. Há 43 estabelecimentos com área entre 1000 e 2500 ha, que representam apenas 7,76% do número total de estabelecimentos agropecuários do município. Os estabelecimentos na faixa

de 2500 a 10000 ha somam 19 unidades e representam 3,14% do total. Já os estabelecimentos com áreas superiores a 10000 ha respondem por apenas 0,5% do quantitativo de estabelecimentos agropecuários do município.

**Tabela 2-** Estrutura Fundiária do Município de Selvíria-MS.

| Grupo de áreas<br>(ha) | Nº total de<br>estabelecimentos | % de Nº total de<br>estabelecimentos | % de Nº total de<br>estabelecimentos da A.F | Área total dos<br>estabelecimentos (ha) | % da área total dos<br>estabelecimentos | % da área dos<br>estabelecimentos da A.F |
|------------------------|---------------------------------|--------------------------------------|---------------------------------------------|-----------------------------------------|-----------------------------------------|------------------------------------------|
| < que 10               | 11                              | 1,82                                 | 72,73                                       | 59                                      | 0,02                                    | 98,31                                    |
| 10 a < 20              | 386                             | 63,70                                | 81,61                                       | 5393                                    | 1,66                                    | 82,48                                    |
| 20 a < 50              | 20                              | 3,30                                 | 100,00                                      | 621                                     | 0,19                                    | 100,00                                   |
| 50 a < 200             | 34                              | 5,61                                 | 61,76                                       | 3653                                    | 1,12                                    | 51,14                                    |
| 200 a < 500            | 43                              | 7,10                                 | 0                                           | 15394                                   | 4,72                                    | 0                                        |
| 500 a < 1000           | 43                              | 7,10                                 | 0                                           | 31053                                   | 9,53                                    | 0                                        |
| 1000 a < 2500          | 47                              | 7,76                                 | 0                                           | 72982                                   | 22,40                                   | 0                                        |
| 2500 a < 10000         | 19                              | 3,14                                 | 0                                           | 81709                                   | 25,08                                   | 0                                        |
| > que 10000            | 3                               | 0,50                                 | 0                                           | 114936                                  | 35,28                                   | 0                                        |
| <b>Total</b>           | <b>606</b>                      | <b>100,00</b>                        | <b>60,07</b>                                | <b>325800</b>                           | <b>100,00</b>                           | <b>2,15</b>                              |

**Fonte:** IBGE, Censo Agropecuário, 2017.

Ao realizar uma análise criteriosa referente à área de ocupação, somando esses estabelecimentos (65 unidades), nota-se que mais de 82% do total de área ocupada com atividade agropecuária em Selvíria-MS compreende estabelecimentos com pelo menos 1.000 hectares, os quais representam somente 11% do total de estabelecimentos presentes no município; tais dados evidenciam a marcante área voltadas para grandes pastos e criação de gados. Atualmente os aspectos responsáveis por essa configuração relacionam-se com a implantação de indústrias de papel e celulose na região onde está localizada o município; essas unidades industriais resultaram na forte expansão das áreas ocupadas com a cultura do eucalipto, abrangendo 93,5 milhões de pés em Selvíria (BRASIL, 2017).

#### 2.4.2 Principais Culturas Temporárias, Permanentes e Olerícolas

Analisando-se a Tabela 3, é possível notar que a principal cultura temporária explorada em Selvíria refere-se à mandioca; essa é cultivada em 147 estabelecimentos agropecuários, sendo 70% pertencente à agricultura familiar, a qual responde por 95,48% da produção total. Em relação à área colhida e quantidade produzida, a cultura do milho em grão também é muito expressiva (46 ha de área colhida e 136 toneladas produzidas), porém a participação da agricultura familiar é muito baixa (apenas 9,56% da produção total). Ao se analisar a produtividade, é possível notar que mesmo tendo baixa participação na produção total dessa cultura (milho em grão), a produtividade é próxima; o segmento da agricultura familiar apresentou uma produtividade de 2600 kg/ha de milho em grão, enquanto nos estabelecimentos não familiares essa foi de 2999,96 kg/ha (IBGE, 2017).

Semelhante ao milho, a área colhida do feijão de cor totalizou 18 ha e resultou em 21 toneladas, a agricultura familiar respondeu por apenas 9,52% da produção total dessa cultura. No entanto, no caso de algumas culturas com menor *área colhida*, como a melancia e a abóbora moranga, a agricultura familiar tem uma representatividade maior na produção, respondendo por 50% da produção total de abóbora e 98,04% de melancia. Em relação à cultura do abacaxi, particularmente, a agricultura familiar foi responsável por 93,93% da produção total do fruto; 64% dos estabelecimentos da agricultura familiar produzem esse produto (Tabela 3).

**Tabela 3-** Culturas temporárias cultivadas e participação da Agricultura familiar no Município de Selvíria (MS).

| Culturas Temporárias | N ° Total de estabelecimentos | Estabelecimentos da A.F (%) | Área colhida total (ha) | Área colhida A.F (ha) | Quantidade prod. total (t) | % da quantidade produzida da A.F |
|----------------------|-------------------------------|-----------------------------|-------------------------|-----------------------|----------------------------|----------------------------------|
| Abacaxi              | 75                            | 64,00                       | 16                      | 15                    | 99*                        | 93,93                            |
| Abóbora moranga      | 25                            | 56,00                       | 3                       | 2                     | 6                          | 50,00                            |
| Feijão de cor (grão) | 10                            | 60,00                       | 18                      | 6                     | 21                         | 9,52                             |
| Mandioca             | 147                           | 64,63                       | 51                      | 47                    | 332                        | 95,48                            |
| Melancia             | 20                            | 70,00                       | 8                       | 8                     | 51                         | 98,04                            |
| Milho em grão        | 12                            | 50,00                       | 46                      | 5                     | 136                        | 9,56                             |

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário, 2017. \*Mil Frutos.

Na Região imediata de Três Lagoas-MS, onde se encontra Selvíria-MS, a representatividade da agricultura familiar na produção de culturas permanentes é muito expressiva, com destaque para as culturas do urucum (semente), banana e café arábica em grão. A porcentagem de estabelecimentos familiares que possuem urucum em sua área é de 71,93%, com participação de 43,59% da produção final. A agricultura familiar foi responsável por 91,67% da produção total de banana e o café (observado exclusivamente em estabelecimentos familiares) alcançou uma produção de 26 toneladas.

Por meio da Tabela 4, observa-se que as principais olerícolas cultivadas advém integralmente da agricultura familiar; o que denota a importância socioeconômica de tais culturas para o segmento, bem como o potencial da agricultura familiar para o abastecimento de alimentos que configuram o grupo das olerícolas. A cultura com maior representatividade de produção é a alface (12 toneladas produzidas), seguida da abobrinha (6 toneladas), almeirão (3 toneladas) e couve (2 toneladas). As demais culturas que são produzidas pela agricultura familiar, citadas na tabela, cuja quantidade produzida não foi divulgada pelo Censo Agropecuário 2017, constituem cultivos pontuais com produções de baixa expressividade (em relação aos totais observados para as outras culturas).

**Tabela 4-** Números de estabelecimentos da Agricultura Familiar que cultivam Olerícolas no município de Selvíria (MS)

| Olerícolas   | Nº total de estabelecimentos | % de estabelecimento da A.F | Quantidade total produzida (t) |
|--------------|------------------------------|-----------------------------|--------------------------------|
| Abobrinha    | 4                            | 100                         | 6                              |
| Alface       | 7                            | 100                         | 12                             |
| Almeirão     | 6                            | 100                         | 3                              |
| Batata-baroa | 1                            | 100                         | -                              |
| Batata-doce  | 1                            | 100                         | -                              |
| Berinjela    | 1                            | 100                         | -                              |
| Beterraba    | 1                            | 100                         | -                              |
| Cenoura      | 2                            | 100                         | -                              |
| Coentro      | 1                            | 100                         | -                              |
| Couve        | 6                            | 100                         | 2                              |
| Pimenta      | 1                            | 100                         | -                              |
| Quiabo       | 1                            | 100                         | -                              |
| Rúcula       | 2                            | 100                         | -                              |
| Salsa        | 2                            | 100                         | -                              |
| Tomate       | 1                            | 100                         | -                              |

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário, 2017.

#### 2.4.3 Efetivos de pecuária e produção de leite

Por meio da análise da Tabela 5, nota-se que dentre os efetivos da pecuária, no contexto da agricultura familiar, as aves ganham destaque, especialmente as galinhas (47,99% do total de cabeças está em estabelecimentos do segmento). Na sequência, são observados os suínos e os ovinos, a agricultura familiar responde respectivamente por 29,91% e por 20,15% do total de cabeças, no município. A bovinocultura está presente na maioria dos estabelecimentos familiares (56,02%), porém em relação ao quantitativo de cabeças, a agricultura familiar responde por apenas 3,69% do total (7015 cabeças).

**Tabela 5** -Efetivos da Pecuária, em termos de número de estabelecimentos e número total de cabeças e percentual de participação da agricultura familiar, no município de Selvíria (MS).

| Espécies | Nº total de estabelecimentos | Estabelecimentos da A.F (%) | Nº total de cabeças | % Nº total de cabeças da A.F |
|----------|------------------------------|-----------------------------|---------------------|------------------------------|
| Bovinos  | 507                          | 56,02                       | 190.110             | 3,69                         |
| Equinos  | 202                          | 23,27                       | 2.669               | 6,48                         |
| ovinos   | 47                           | 19,15                       | 1.876               | 20,15                        |
| Suínos   | 130                          | 50,77                       | 1.819               | 29,91                        |
| Galinhas | 176                          | 51,70                       | 10.362              | 47,99                        |

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário, 2017.

Em relação à produção de leite, a agricultura familiar se sobressai com 121 estabelecimentos, o que corresponde a 82,88% do total, destacando-se ainda em relação ao

número de cabeças, 963 vacas leiteiras (75,89% do total presente no município). Essas circunstâncias possibilitam que a agricultura familiar responda por 76,74% da produção total de leite, reafirmando a expressividade do segmento no contexto da atividade leiteira e no âmbito da atividade pecuária em Selvíria.

**Tabela 6-** Comparativo da produção de leite entre estabelecimentos da Agricultura familiar e Agricultura não familiar no Município de Selvíria (MS).

| Descrição                   | Número de Estabelecimentos | Quantidade de vacas leiteiras | Produção (mil litros) | Porcentagem da produção (%) |
|-----------------------------|----------------------------|-------------------------------|-----------------------|-----------------------------|
| Agricultores não Familiares | 25                         | 306                           | 633                   | 23,26                       |
| Agricultores familiares     | 121                        | 963                           | 2088                  | 76,74                       |
| <b>Total</b>                | <b>146</b>                 | <b>1269</b>                   | <b>2721</b>           | <b>100</b>                  |

Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017).

#### 2.4.4. Características dos Produtores e dos Estabelecimentos

A partir da análise apoiada nos dados do Censo Agropecuário de 2017 (IBGE, 2017) buscou-se analisar as características dos agricultores de Selvíria-MS, os dados do Censo Agropecuário 2017 (IBGE, 2017) explicitam que 75,96% dos estabelecimentos agropecuários do município são dirigidos por homens, enquanto apenas 24,04% desses são administrados por mulheres. No que diz respeito à agricultura familiar, os dados revelam uma proporção semelhante, de modo que 75,27% dos estabelecimentos são gerenciados por homens, enquanto apenas 24,73% estão sob a gestão de mulheres (Tabela 7). De acordo com o Censo Agropecuário de 2006, no Brasil, apenas em 13% dos estabelecimentos agropecuários a gestão era exercida pelas mulheres, comparativamente, observou-se um aumento no quantitativo de estabelecimentos administrados pelo público feminino (passando de 13% para 19%), no último Censo (IBGE, 2017). Mesmo em face do aumento mencionado, esses dados reforçam a desigualdade histórica entre homens e mulheres no que tange, também, ao acesso à terra.

**Tabela 7 -** Distribuição dos agricultores de Selvíria (MS) e percentuais em relação a faixa etária.

| Idade                            | Nº total de homens | % total de homens | Nº total de mulheres | % total de mulheres | Nº de homens da A.F | % de homens da A.F | Nº de mulheres da A.F | % de mulheres da A.F |
|----------------------------------|--------------------|-------------------|----------------------|---------------------|---------------------|--------------------|-----------------------|----------------------|
| < 25 anos                        | 6                  | 1,32              | 3                    | 2,08                | 2                   | 0,73               | 1                     | 1,11                 |
| ≥ 25 anos e < 35 anos            | 21                 | 4,62              | 13                   | 9,03                | 13                  | 4,74               | 6                     | 6,67                 |
| ≥ 35 anos e < 45 anos            | 70                 | 15,38             | 32                   | 22,22               | 55                  | 20,07              | 23                    | 25,56                |
| ≥ 45 anos e < 55 anos            | 121                | 26,59             | 43                   | 29,86               | 81                  | 29,56              | 25                    | 27,78                |
| ≥ 55 anos e < 65 anos            | 105                | 23,08             | 32                   | 22,22               | 56                  | 20,44              | 25                    | 27,78                |
| ≥ 65 anos e < 75 anos            | 94                 | 20,66             | 13                   | 9,03                | 56                  | 20,44              | 7                     | 7,78                 |
| ≥ 75 anos                        | 38                 | 8,35              | 8                    | 5,56                | 11                  | 4,01               | 3                     | 3,33                 |
| <b>Total de Agricultores(as)</b> | <b>455</b>         | <b>75,96</b>      | <b>144</b>           | <b>24,04</b>        | <b>274</b>          | <b>75,27</b>       | <b>90</b>             | <b>24,73</b>         |

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário, 2017.

Segundo a FAO (2011), a responsabilidade das mulheres pela gestão dos

estabelecimentos rurais não assegura, por si só, o acesso aos benefícios gerados por seu trabalho. Embora o direito de uso da terra possa conferir poder de decisão sobre a produção e a alocação de recursos, as desigualdades de gênero frequentemente limitam a apropriação, pelas mulheres, dos resultados econômicos e sociais decorrentes de suas atividades. A participação reduzida das mulheres no processo de gestão dos estabelecimentos relaciona-se com as desigualdades de gênero, que resultam em situações marcadas pela subordinação das mulheres aos homens. Segundo Spanevello, Matte e Boscardin (2016), essa é uma realidade recorrente, uma vez que as mulheres quase sempre ocupam papéis secundários dentro dos estabelecimentos agropecuários.

A partir da Tabela 7, é possível verificar também a distribuição dos agricultores familiares em relação à faixa etária. Nota-se que a maior parcela observada (29,56%), no caso dos homens, está concentrada na faixa de 45-55; em relação às mulheres, verifica-se que há uma distribuição uniforme entre 35-65 anos.

Uma análise mais ampla do contexto em questão, observa-se o número reduzido de agricultores com menos de 35 anos no município, condição que reflete a evasão dos/as jovens do espaço rural; isso reforça a necessidade de políticas públicas que promovam estratégias, as quais permitam ampliar as oportunidades (estudo e trabalho) para os jovens/as jovens no campo com vistas, também, à reprodução social da agricultura familiar.

Também com base nos dados do Censo Agropecuário de 2017 (IBGE, 2017), identificou-se as principais práticas de manejo empregadas nos estabelecimentos do segmento da agricultura familiar, no município de Selvíria-MS. Conforme pode ser verificado na Tabela 8, alguns agricultores familiares dessa localidade utilizam o sistema de rotação de cultura em seus estabelecimentos (14,56%). Essa prática pode contribuir para melhorar as propriedades física, química e biológica do solo, revelando-se estratégica também para a redução de problemas fitossanitários; tais vantagens tendem a resultar na diminuição do uso de insumos, como agrotóxicos e fertilizantes químicos. Outra prática de relevância no contexto agropecuário do município consiste no pousio, mencionado por 14,01% dos agricultores; o seu emprego contribui para o restabelecimento das propriedades do solo e para a redução de pragas e doenças na propriedade. O cultivo mínimo é outra prática de relevância verificada em estabelecimentos agropecuários de Selvíria (13,74%); dentre as vantagens dessa prática, é possível mencionar a redução da erosão, menor compactação, retenção de umidade e o controle de plantas daninhas.

Em relação aos SAF's e áreas com matas, florestas e recuperação de mata ciliar apenas uma pequena parcela dos estabelecimentos agropecuários de Selvíria-MS (6,59%) dispõem desses elementos; cenário que se mostra prejudicial à biodiversidade do município e região (Tabela 8)

Ainda com base na Tabela 8, nota-se que a maioria das práticas são realizadas pelos estabelecimentos dirigidos por homens, mas podem ter ficado mascaradas outras as atividades realizadas pelas mulheres. Ainda assim as mulheres mantêm a sua representatividade no contexto de tais técnicas.

**Tabela 8** - Práticas de Manejo realizadas pelos(as) Agricultores(as) Familiares e participação em percentuais referente ao Município de Selvíria (MS).

| <b>Categoria analisada</b>         | <b>Nº de homens<br/>que realizam</b> | <b>Percentual<br/>(%)</b> | <b>Nº de mulheres<br/>que realizam</b> | <b>Percentual<br/>(%)</b> |
|------------------------------------|--------------------------------------|---------------------------|----------------------------------------|---------------------------|
| <b>Plantio em nível</b>            | 75                                   | 27,37                     | 10                                     | 11,11                     |
| <b>Rotação de culturas</b>         | 43                                   | 15,69                     | 10                                     | 11,11                     |
| <b>Pousio e descanso</b>           | 46                                   | 16,79                     | 5                                      | 5,56                      |
| <b>Recuperação de mata ciliar</b>  | 3                                    | 1,09                      | 1                                      | 1,11                      |
| <b>Adubação Orgânica</b>           | 13                                   | 4,74                      | 0                                      | 0,00                      |
| <b>Adubação Química e Orgânica</b> | 1                                    | 0,36                      | 2                                      | 2,22                      |
| <b>Não utilizou agrotóxico</b>     | 270                                  | 98,54                     | 89                                     | 98,89                     |
| <b>Matas, Florestas e SAF's</b>    | 16                                   | 5,84                      | 4                                      | 4,44                      |
| <b>Cultivo Mínimo</b>              | 26                                   | 9,49                      | 24                                     | 26,67                     |
| <b>Total de Agricultor(as)</b>     | 274                                  | 100,0                     | 90                                     | 100                       |

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário, 2017.

Como mencionado anteriormente, observa-se na Tabela 9 que apenas 34,89% dos agricultores familiares do município de Selvíria contam com serviço de assistência técnica. A assistência técnica desenvolvida por meio de órgãos governamentais compreendia 15,38% do total desses agricultores, situação essa que evidencia a necessidade da ampliação do atendimento pelos órgãos no município, tendo-se em vista a expressividade da agricultura familiar na localidade. Há outras organizações e entidades que prestam assistência técnica para esses agricultores: cooperativas (15,11%), empresas integradas (6,59%), empresas privadas (1,37%) e outras (10,71%).

**Tabela 9** - Órgãos que prestam Assistência Técnica aos agricultores familiares em Selvíria (MS).

| <b>Órgãos de Assistência Técnica</b>            | <b>Nº de estabelecimentos<br/>da A.F</b> | <b>Porcentagem</b> |
|-------------------------------------------------|------------------------------------------|--------------------|
| <b>Governo (Federal, Estadual ou Municipal)</b> | 56                                       | 15,38              |
| <b>Cooperativas</b>                             | 55                                       | 15,11              |
| <b>Empresas integradas</b>                      | 24                                       | 6,59               |
| <b>Empresas Privadas</b>                        | 5                                        | 1,37               |
| <b>Outras</b>                                   | 39                                       | 10,71              |
| <b>Não recebem</b>                              | 237                                      | 65,11              |
| <b>Total</b>                                    | 364                                      | 100                |

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário, 2017.

### **3 CONTEXTO, METODOLOGIA E TÉCNICAS DE PESQUISA**

#### **3.1 Aspectos gerais da pesquisa: sujeitos participantes, procedimentos e técnicas**

Esta pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualiquantitativa e respalda-se em levantamentos de cunho bibliográfico e documental, além de incorporar dados primários pertinentes às condições socioprodutivas, experiências e concepções de agricultoras assentadas do município de Selvíria-MS (principais sujeitos deste estudo). Conforme observam Souza e Kerbauy (2017), a abordagem qualiquantitativa permite um contraponto à histórica dicotomia da pesquisa quantitativa-qualitativa, possibilitando-se lançar mão de mais elementos para captar a multiplicidade de facetas do fenômeno alvo da investigação; essa estratégia metodológica se revelou mais ajustada à temática central da presente pesquisa.

Agricultoras pertencentes a assentamentos do município de Selvíria-MS compõem o público participante deste estudo; a pesquisa contemplou (diretamente) 15 mulheres que vivem e trabalham nos projetos de assentamento Canoas, São Joaquim e Alecrim (nove entrevistadas da Feira Livre de Selvíria e seis participantes do grupo focal, como detalhado a seguir).

Na fase inicial da pesquisa, procedeu-se a uma revisão bibliográfica, considerando-se a temática central do estudo e realizou-se um diagnóstico do município de Selvíria-MS, por meio de dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2017). A etapa subsequente (primeiro semestre/2024) caracterizou-se por um levantamento baseado na utilização de formulário semiestruturado, que consistiu no instrumento norteador das entrevistas realizadas no momento inicial da pesquisa de campo. Foram entrevistadas nove (9) agricultoras nessa etapa e as entrevistas foram realizadas no espaço que configura a feira livre do município de Selvíria-MS. No caso das perguntas fechadas, as agricultoras selecionaram suas respostas entre as opções apresentadas, em contrapartida, as perguntas abertas permitiram que as participantes discorressem sobre o assunto com maior liberdade, favorecendo respostas mais amplas e aprofundadas. No momento das entrevistas, buscou-se verificar aspectos da condição socioeconômica das agricultoras, questões produtivas e ambientais relacionadas aos seus estabelecimentos, buscando-se ainda identificar (supostos) elementos presentes na vida e no trabalho de tais mulheres que apresentassem conexões com a perspectiva agroecológica (com destaque para o emprego de práticas e insumos sustentáveis).

Na segunda fase do levantamento de campo (setembro/2024), a equipe responsável pela pesquisa organizou um grupo focal no Assentamento São Joaquim (Selvíria-MS), que contou com a participação de seis (6) agricultoras, todas pertencentes a esse espaço de reforma agrária.

A opção por essa estratégia metodológica relaciona-se com as suas potencialidades, considerando-se, particularmente, que o grupo focal ao “provocar a conversação entre os participantes de uma pesquisa, torna-se um espaço propício para a circulação e emergência de saberes com racionalidades distintas” (Nóbrega; Andrade; Melo, 2016, p. 438). A partir de tais circunstâncias, pretendeu-se propiciar um ambiente de reflexão coletiva, favorecendo o intercâmbio de conhecimentos e experiências entre as mulheres do Assentamento São Joaquim com base (também) em questões problematizadoras, apoiadas no aspecto da manutenção e ampliação da agrobiodiversidade e da perspectiva agroecológica. As agricultoras puderam expor as suas concepções, expectativas e práticas relacionadas à sustentabilidade, segundo uma perspectiva dialógica e horizontal, possibilitando aos pesquisadores a percepção de (possíveis) particularidades ligadas à questão de gênero em processos referentes à agroecologia.

Os diálogos foram gravados com o consentimento das agricultoras participantes e as falas foram transcritas com o auxílio de uma ferramenta de Inteligência Artificial (*Transkriptor*), que permite a conversão de áudios em textos; todo o conteúdo foi alvo de uma avaliação cuidadosa, a fim de comparar o texto (produto da conversão) com o áudio original e realizar correções com vistas à manutenção da integridade das falas captadas durante o grupo focal.

Uma vez concluídos os levantamentos de campo, todo o conteúdo foi sistematizado e o processo de análise envolveu (também) a estatística descritiva, com base nos procedimentos de tabulação de dados recomendados por Gil (2002). Os diálogos decorrentes do grupo focal e as questões abertas pertinentes às entrevistas foram verificados, fundamentalmente, a partir da análise de conteúdo - modalidade temática (Caregnato; Mutti, 2006). De forma complementar, incorporou-se uma perspectiva comparativa, buscando-se possíveis intersecções entre os dados empíricos e a literatura acadêmica associada à temática central do presente estudo.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As 15 mulheres participantes do estudo, no momento da pesquisa de campo, possuíam entre 26 e 73 anos; apesar dessa marcante amplitude etária, a maior parcela do público participante da pesquisa apresentava idade superior a 50 anos. No que tange à escolaridade, majoritariamente, as agricultoras não chegaram a concluir o Ensino Fundamental; dentre as 15 mulheres participantes, apenas três mencionaram o Ensino Médio Completo e uma agricultora cursou o Ensino Superior. Esses resultados apresentam coerência com a situação observada no contexto do último Censo Agropecuário (IBGE, 2017), cujos dados reportam à histórica

desigualdade no acesso à educação por parte da população do campo; tais dados revelam que a maioria das agricultoras no Brasil possuía apenas o Ensino Fundamental Incompleto, no momento do Censo.

No aspecto produtivo, com representatividade de 41 culturas totais, observou-se uma importante diversidade de culturas agrícolas exploradas nos lotes das mulheres entrevistadas na Feira Livre (no grupo focal essas informações não foram tabuladas, mas foi possível perceber uma realidade semelhante), com uma representatividade bastante expressiva das olerícolas, seguidas de espécies frutíferas e das raízes. É importante considerar, também, as áreas de SAFs mencionadas por quase metade das agricultoras participantes do estudo; nessas, além das culturas de interesse agrícola, há espécies nativas que compõem o estrato arbóreo com importante incremento à diversidade. O cultivo de espécies medicinais, aromáticas, ornamentais e as chamadas Plantas Alimentícias Não Convencionais – PANCs também foram citadas por uma parcela importante dos sujeitos do estudo (Tabela 10). Conforme conclusões de Santos (2026) com base em estudo desenvolvido nos assentamentos rurais de Selvíria-MS, mesmo diante da preponderância das pastagens em termos de área e da pecuária leiteira como principal atividade em relação à geração de renda, os estabelecimentos que compõem esses espaços, em sua maioria, caracterizam-se pela diversidade de cultivos e de criações.

**Tabela 10** – Produção das agricultoras entrevistadas do Município de Selvíria (MS).

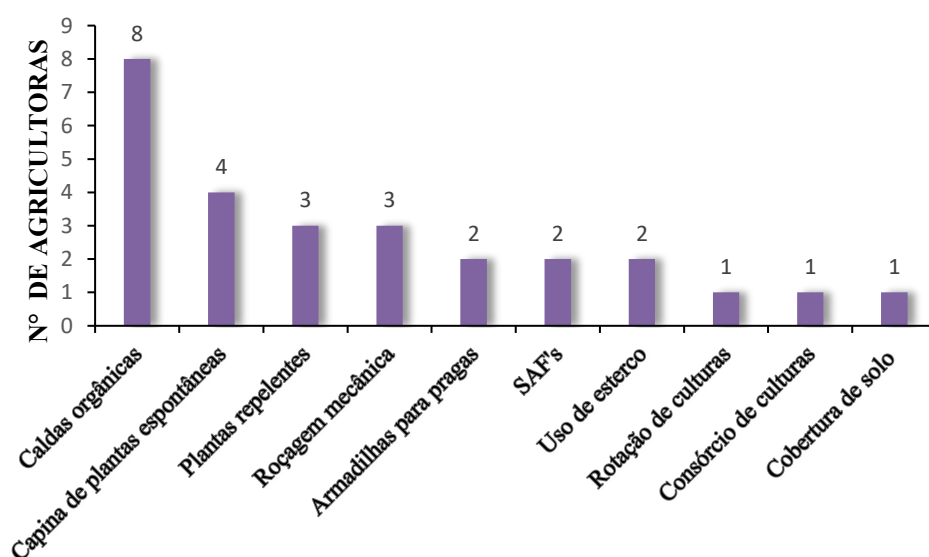
| <b>Agricultoras<br/>Entrevistadas</b> | <b>Produção</b>                                                                                                                                                                                  |
|---------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>1<sup>a</sup></b>                  | Alface, Almeirão, Rúcula, Cheiro verde, Cenoura, Rabanete, Limão, Boldo, Erva cidreira, e Hortelã                                                                                                |
| <b>2<sup>a</sup></b>                  | Alface, Almeirão, Rúcula, Cheiro verde, Cenoura, Rabanete, Limão.                                                                                                                                |
| <b>3<sup>a</sup></b>                  | Mandioca, Alface, Rúcula, Couve, Jiló, Tomate, Laranja, Limão, Mamão, Boldo, Pimenta, Banana, Pitaya, Cebolinha, Coentro, Babosa, Boldo, Poejo e Hortelã.                                        |
| <b>4<sup>a</sup></b>                  | Rúcula, Alface, Couve, Almeirão, Chuchu, Abóbora, Mandioca, Laranja, Castanheira e Limão.                                                                                                        |
| <b>5<sup>a</sup></b>                  | Cebola, Mamão, Alecrim, Boldo, Hortelã, Rosas, Rosa do deserto, Cebolinha, Cactos e Favaquinha.                                                                                                  |
| <b>6<sup>a</sup></b>                  | Milho, Cenoura, Batata doce, Mandioca, Abóbora, Laranja, Acerola, Manga, Alecrim, Poncã, Abacate, Melancia, Pitanga, Caqui, Limão, Pimenta, Hortalças gerais, Hortelã, Alecrim, Boldo e Cavinha. |
| <b>7<sup>a</sup></b>                  | Pimenta, Verduras, Laranja, Limão, Mamão, Manga, Goiaba, Pitanga, Cebolinha, Couve, Alface, Rúcula, Salsinha, Brócolis, Repolho, Cebola, Plantas medicinais e PANCs.                             |
| <b>8<sup>a</sup></b>                  | Laranja, Limão, Banana, Caju, Abacate, Alface, Almeirão, Cenoura, Repolho, Cebola e Plantas medicinais.                                                                                          |
| <b>9<sup>a</sup></b>                  | Pimenta, Verduras, PANCs e Plantas medicinais.                                                                                                                                                   |

**Fonte:** Autoria própria, 2024.

A partir dessa diversidade, as agricultoras conseguem obter uma gama variada de alimentos para o autoconsumo e, também, para a comercialização, criando-se, portanto, as condições necessárias à segurança nutricional da família e às possibilidades de geração de renda. Essa diversidade constitui uma potencialidade em termos ambientais e socioeconômico, revelando-se coerente com a perspectiva agroecológica. Existem estratégias que podem incrementar (ainda mais) a diversidade produtiva e ampliar a sustentabilidade dos agroecossistemas; nesse sentido, destacam-se a rotação de culturas, os cultivos de cobertura, a adoção de policulturas (SAF's), sistemas agrossilvipastoris, cercas vivas, corredores ecológicos, mata ciliares, dentre outras (Rodrigues *et al.*, 2012). A adoção de tais práticas pode ser fortalecida e/ou ampliada por meio de ações de Assistência Técnica e Extensão Rural, especialmente, quando essas são norteadas pelo enfoque agroecológico.

Por meio da Figura 2, é possível verificar a diversidade de práticas de manejo que são empregadas nos lotes das agricultoras participantes, situação evidenciada na primeira fase da pesquisa de campo (entrevistas na Feira Livre de Selvíria-MS). Das nove agriculturas assentadas que participaram dessa etapa do levantamento (entrevista), oito empregavam caldas orgânicas para o controle de pragas e doenças em seus sistemas de produção. Essa prática está alinhada à dimensão socioambiental e econômica da sustentabilidade, considerando-se o menor impacto ambiental e econômico, comparativamente ao uso de produtos químicos comerciais (agrotóxicos). Além disso, é importante pontuar que o preparo e o uso de caldas orgânicas derivam (também) do conhecimento tradicional, contribuindo para a reprodução de técnicas que dialogam com a perspectiva do saber popular.

**Figura 2-** Práticas de manejo realizadas pelas agricultoras participantes da pesquisa (entrevistas).



Fonte: Pesquisa de campo, 2024.

É importante acrescentar que nenhuma das agricultoras entrevistadas citou o uso de agrotóxicos, evidenciando a priorização de outros meios de controle fitossanitário, como uso de plantas repelentes, armadilhas, rotação de culturas e as já mencionadas caldas orgânicas. Muitas dessas práticas apresentam aderência aos preceitos característicos da perspectiva agroecológica. Lima (2014) conclui em sua pesquisa que a transição agroecológica deve integrar não apenas as dimensões econômica, social e ambiental, mas, também, deve partir da articulação e interlocução com os saberes dos agricultores/as, uma vez que esses constituem a base do conhecimento agroecológico, revelando-se fundamental para a conservação dos agroecossistemas familiares com vistas à diversidade biológica, equilíbrio e a interligação entre a fauna e flora como um todo.

Durante a segunda fase da pesquisa de campo, quando foi realizado o grupo focal no Assentamento São Joaquim (Selvíria/MS) com agricultoras desse espaço, houve menção a técnicas de manejo que derivam das experiências e dos conhecimentos acumulados ao longo da vida dessas mulheres. A diversidade de alternativas empregadas para o controle fitossanitário das culturas exploradas e direcionadas à adubação refletem a gama de saberes acumulados pela agricultora e reforçam o seu posicionamento, no que diz respeito às técnicas tangentes ao modelo hegemônico de produção. Os diálogos estabelecidos durante o grupo focal explicitaram a preocupação e os esforços contínuos das agricultoras para reproduzir e desenvolver estratégias socioprodutivas alinhadas à perspectiva agroecológica. Nessa direção, a Agricultora 3 enfatizou práticas apoiadas no (re)aproveitamento de recursos internos ao estabelecimento, enfatizando que: “Em casa, eu uso muito a casca de ovo, cinza de fogão de lenha, quando acendo o fogão eu coloco resto de ossos junto na lenha” (AGRICULTORA 3, 2024).

Um dos modelos produtivos mais citados pelas agricultoras refere-se ao Sistema Agroflorestal-SAF. A implantação de áreas de SAFs nos assentamentos de Selvíria-MS e/ou o manejo dessas áreas derivaram, também, do empenho de uma rede sociotécnica. Essa rede contou com a participação das associações de agricultores(as) dos três projetos de assentamento rural presentes no município, da Prefeitura Municipal de Selvíria (por meio de diferentes secretarias), da Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural (Agraer), da Câmara Municipal, de uma organização de consultoria (cujas ações foram subsidiadas por uma empresa do setor de papel e celulose instalada na região), bem como do Grupo Guatambu - Grupo de Extensão e Pesquisa sobre Desenvolvimento Rural e Sustentabilidade da Unesp - Ilha Solteira/SP.

Simões *et al.* (2024) destacam o caráter agroecológico das iniciativas que buscaram a

implantação e manutenção das áreas de SAFs, nos assentamentos Alecrim, Canoas e São Joaquim (Selvíria-MS). Esses autores reforçam que a opção pelos SAFs foi estratégica, objetivando-se a redução da dependência dos agricultores assentados em relação a insumos externos, além do fomento à diversidade produtiva, haja vista a ampliação da gama de alimentos destinada à comercialização e ao autoconsumo.

Os SAFs constituem sistemas produtivos que permitem implantar de forma integrada, em uma mesma área (a partir de diferentes arranjos), culturas de interesse agrícola e/ou animais com espécies madeireiras e/ou frutíferas; esses espaços podem implicar em múltiplos benefícios aos agricultores familiares e representar um passo importante no processo de transição agroecológica (Paludo; Costabeber, 2012; Canuto, 2017; Nóbrega; Andrade; Melo, 2017).

As falas a seguir, registradas durante o grupo focal realizado no Assentamento São Joaquim, evidenciam aspectos resultantes da experiência das agricultoras com os respectivos SAF's:

(...) foram instalados de metro a metro, para podar algumas e outras não, mas no meu caso não é que eu tenho dó, é porque eu tive um probleminha no joelho e não consigo subir em nada para cortar, e não tem ninguém que corte. Se eu tivesse condições também eu gostaria de plantar para virar floresta, não só arbóreo nativo, mas como frutíferas também. Depois que veio o SAF começou a vir pássaros que nunca tinha visto, eu vejo cada pássaro diferente e tiro foto, a gente está acostumado com o tucano grande com o bico mais alaranjado e esses dias apareceu um outro mais pequeno com o bico menor, outro dia apareceu Tiú, nunca tinha visto nenhum. Anta já veio comer os pés de melancia, então a agrofloresta não serviu só para a gente tirar o nosso alimento, mas também para contribuir para os animais (AGRICULTORA 1).

(...) Se eu tivesse condição financeira, eu plantava o sítio inteiro com SAF, porque a gente está precisando de área verde, da natureza, tem passarinho morrendo de fome, se eu pudesse eu continuaria (AGRICULTORA 5).

Ao relatarem as respectivas experiências com os sistemas agroflorestais, as agricultoras, em sua maioria, realçaram as potencialidades desse modelo para a produção de alimentos, com base em estratégias produtivas mais respeitosas ao meio ambiente. Algumas mulheres destacaram, também, dificuldades (sobretudo de cunho financeiro e limitações relacionadas à mão de obra) para ampliar ou manter as áreas de SAF, ainda que desejassem priorizar esse modelo no contexto socioprodutivo dos lotes. Outro aspecto que merece destaque consiste na percepção dos SAF's como espaço para alimentação e/ou refúgio de espécies animais diversas, incluindo algumas que eram pouco observadas no assentamento, anteriormente à implantação dos sistemas agroflorestais, como pontuado nos relatos supracitados. Essa perspectiva acerca dos SAF's configura indícios de que os esforços das agricultoras para a viabilização de modelos socioprodutivos (mais) sustentáveis não são norteados unicamente por preocupações com a

saúde e alimentação e tampouco se restringem às dimensões técnico-produtiva e econômica, mas remetem a uma racionalidade mais complexa como a substantiva, que comporta, também, valores que se traduzem em respeito e preocupação com a conservação de elementos da agrobiodiversidade. Com base na obra de José Eli da Veiga (2005), a racionalidade substantiva manifesta-se por meio de ações orientadas por valores éticos de preservação ambiental, valorização da vida humana e desenvolvimento multidimensional.

Com base em uma das questões norteadoras lançadas durante o grupo focal, previam-se discussões relacionadas à sustentabilidade, buscando-se problematizar (eventuais) diferenças entre homens e mulheres, no que dizem respeito a preocupações e esforços tangentes à questão da sustentabilidade, no contexto de vida e trabalho nos assentamentos rurais. Na percepção da maioria das participantes, ambos (homens e mulheres) apresentavam comportamentos similares, importavam-se e esforçavam-se de forma semelhante no que concerne à sustentabilidade. No trecho a seguir relatado no grupo focal, mostra a semelhança entre o manejo do pai da agricultora e o seu manejo, evidenciando que são praticamente iguais, porém com algumas adaptações que a agricultora fez e que evitam alguns inconvenientes das práticas utilizadas pelo pai (queima parcial do material orgânico).

(...) sempre foi uma coisa minha porque meu pai plantava sustentável, então toda vida eu vi meu pai plantar horta. Meu pai plantava horta quando eu era criança e com 8 anos eu vendia, então ajudava meu pai na horta e toda vida meu pai plantou sem agrotóxico, só que a diferença entre o meu natural, o meu orgânico é diferente do meu pai, porque meu pai queimava as folhas. Os caminhões de boi derrubavam as fezes do gado na beira da cerca, que estava misturada com palha de arroz, e meu pai botava fogo para dar uma sapecada e depois ele jogava água, a diferença é que eu deixo curtir naturalmente, eu não queimo (AGRICULTORA 1).

Em relação às agricultoras que compreende haver diferenças entre homens e mulheres, no tocante às preocupações e esforços relativos à questão da sustentabilidade, a distinção entre o comportamento de ambos foi associada ao aspecto do cuidado com a família e com terceiros por parte dos sujeitos femininos; como pode ser verificado nos trechos a seguir:

(...) A mulher é a mais preocupada com o bem-estar da família, com o bem-estar do seu próximo, mesmo não sendo daqui do assentamento, é a mulher que tem mais essa preocupação (AGRICULTORA 1).

(...) A mulher é mais cuidadosa, até na cultura, no cuidado da casa, é da natureza da mulher, o homem quer as coisas mais rápida, planta lá e quer tacar tudo (AGRICULTORA 5).

O cuidado com a saúde e bem-estar da família e de outras pessoas que venham a consumir os seus alimentos seria o principal aspecto responsável pelo fato de as mulheres

apresentarem maior preocupação e esforço para produzir de forma sustentável, empenhando-se para associar produção e conservação de elementos da agrobiodiversidade. Os fatores destacados pelas agricultoras encontram consonância nas considerações presentes em outros trabalhos (Siliprandi, 2007; Silva; Torres, 2019). Nessas, as autoras esclarecem que as mulheres se destacam no âmbito da agricultura familiar (também) por desenvolverem e reproduzirem estratégias socioprodutivas mais coerentes com a perspectiva agroecológica, condição que resultaria (em partes) de preocupações mais expressivas com a saúde da família e em relação aos recursos naturais com os quais lidam diretamente.

O segundo trecho supracitado faz alusão ao aspecto do imediatismo que, segundo a visão da Agricultora 5, seria uma característica do comportamento masculino (ou mais presente nesse), de modo a tornar os homens mais propícios ao uso indiscriminado de insumos danosos à saúde humana e ao meio ambiente.

Ainda em relação ao tema da sustentabilidade, as agricultoras participantes do grupo focal foram questionadas acerca do *futuro que gostariam de deixar para seus filhos e netos*, pretendendo-se uma reflexão pautada (também) na ética intergeracional, que constitui um elemento inerente à perspectiva do desenvolvimento sustentável (Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – CMMAD, 1991). Ao se posicionarem diante de tal questionamento, todo o grupo esboçou preocupações com os recursos naturais que seriam usufruídos pelas próximas gerações (*aquilo que restaria*), diante dos processos de degradação ambiental associados à exploração predatória dos elementos da agrobiodiversidade em seu território, salientando-se ainda os impactos desse cenário sobre a produção de alimentos saudáveis. As agricultoras, em sua grande maioria, destacaram o desejo de que seus descendentes pudessem contar com uma alimentação saudável, resultante de estratégias produtivas distintas do modelo hegemônico. Outro aspecto que cabe destaque refere-se à preocupação das mulheres em transferir para os seus descendentes valores associados ao cuidado e à solidariedade.

Os valores sublinhados pelas agricultoras, novamente, configuram-se como contrapontos à perspectiva da agricultura convencional e apresentam alinhamento com a agroecologia, dado que essa “contribuiria tanto para a saúde ambiental, como humana, em relação ao agricultor e consumidor, devido a uma ‘produção limpa’” (Warmling; Moretti-Pires, 2017, p. 689).

Características dos sistemas de produção analisados, bem como a racionalidade predominante dentre as agricultoras, as perspectivas e preocupações reveladas neste estudo,

constituem aspectos potenciais para a promoção da sustentabilidade nos assentamentos rurais de Selvíria-MS. Cabe ao poder público esforços para fortalecer e ampliar tais potencialidades por meio de políticas públicas pautadas nas especificidades da agricultura familiar e sensíveis à perspectiva de gênero. A Assistência Técnica e Extensão Rural ganha particular relevância nesse contexto. Algumas agricultoras pontuaram de forma espontânea a importância do papel desenvolvido pelos/as profissionais dedicados à ATER para viabilizar avanços no sentido da agricultura sustentável, conforme relato que segue:

(...) basicamente desde que eu entrei aqui, quando ficava na beira da rodovia, já plantava horta lá e entrei aqui plantando do mesmo jeito, aí fiz cursos, tive palestras com os meninos da Simbiose, que são extensionistas rurais, eles deram muita dica para gente, ajudaram muito e fizemos uma espécie de trocas de experiências, o que nós do campo sabíamos passou para eles, e eles o que aprenderam lá na faculdade passou para nós, foi uma troca de experiências (AGRICULTORA 1).

Observa-se por meio do trecho acima que a agricultora busca descrever as implicações positivas do trabalho de extensão promovido em seu assentamento e, ao mesmo tempo, posiciona-se em prol de um modelo de extensão rural que valorize a interação horizontal (profissionais – agricultores/as) e as potencialidades locais. A sua fala revela uma contraposição ao modelo do difusionismo produtivista associado aos valores da revolução verde e contribui para reforçar a pertinência do diálogo de saberes, como elemento indispensável para a promoção da sustentabilidade no campo, de modo consoante com a perspectiva agroecológica.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elementos captados por meio desta pesquisa corroboram o protagonismo das agricultoras em processos que envolvem a manutenção e a ampliação da agrobiodiversidade. A manutenção de agroecossistemas diversos, o emprego de práticas e insumos (mais) sustentáveis e as preocupações com a alimentação e saúde das respectivas famílias e consumidores, por parte das mulheres participantes do estudo, configuram avanços e potencialidades no contexto da transição agroecológica. Esses fatores associados aos valores salientados pelas agricultoras, os quais remetem ao cuidado, à ética intergeracional e à solidariedade, compõem parte da gama de elementos que evidenciam a centralidade do papel desenvolvido pelas mulheres nos processos de mudança em direção à agricultura sustentável. Os achados evidenciam que a grande maioria das agricultoras participantes do estudo apresenta uma postura consciente e crítica sobre as implicações inerentes à agricultura convencional e que suas estratégias socioprodutivas são delineadas por preocupações e sentidos que extrapolam a racionalidade

instrumental.

Os SAFs ganharam destaque nos relatos das agricultoras, como alternativas que contribuem para o incremento da produção voltada para o autoconsumo, comercialização e, também, para a alimentação e/ou refúgio de espécies animais diversas. Porém, o manejo das áreas de SAFs, em virtude especialmente das podas, confere certa complexidade à manutenção desses sistemas; as dificuldades pertinentes a esse aspecto relacionam-se (dentre outros fatores) com a idade relativamente avançada das agricultoras e de seus companheiros e a escassez de mão de obra nos assentamentos. As contribuições das agricultoras reforçam as potencialidades dos SAFs na busca por modelos de produção sustentáveis e indicam a necessidade de alternativas que pressuponham práticas de manejo (mais) alinhadas as suas realidades sociais e condições técnico-produtivas.

Os resultados observados lançam luz sobre a relevância do papel concernente à Assistência Técnica e Extensão Rural para a construção coletiva de conhecimentos que permitam avanços no âmbito da transição agroecológica (aspecto ressaltado por parte das agricultoras). As estratégias voltadas para promoção do desenvolvimento rural pressupõem a valorização de um modelo de ATER norteado pela perspectiva agroecológica, que busque o diálogo de saberes e a equidade nas relações étnico-raciais, de geração e gênero. Espera-se que as próximas estratégias governamentais para a promoção dos assentamentos rurais de Selvíria-MS (como aquelas relacionadas à Assistência Técnica e Extensão Rural) respeitem essas questões e apresentem coerência com a gama de saberes, valores e a potência das mulheres que constituem esses espaços.

## 6 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. A. de. Territorialização complexo eucalipto-celulose-papel em Mato Grosso do Sul. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 21, Uberlândia (MG), **Anais...** Uberlândia (MG): 2012. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/30793>. Acesso em: 6 jun. 2022.
- ALVES, L. L. O.; VARGAS, L. P.; MACIEL, C. A. R.; MARCHESAN, J. Assistência técnica e extensão rural: um estudo de caso no município de Xinguara-PA. **Desenvolvimento Regional em Debate**, v. 14, p. 322–339, 2024
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Agropecuário 2017**. Resultados Definitivos. Brasília: FIBGE, 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuário/censo-agropecuário-2017> Acesso em: 24 set .2024.
- BRASIL. **Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília, DF: Presidência da República, [2006]. Disponível em: [planalto.gov.br](http://planalto.gov.br). Acesso em: jun. 2026.
- BUAINAIN, A. M.; et al. Agricultura familiar, agroecologia e desenvolvimento sustentável: questões para debate. 2005. CANUTO, J. C. (Org.). **Sistemas Agroflorestais: experiências e reflexões**. Brasília, DF: Embrapa, 2017. 216p.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J.A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. 2. Ed.Brasília: MDA/SAF/DATER, 2007. 39
- CASTRO, L. F. P.; Agricultura familiar: perspectivas e desafios para o desenvolvimento rural sustentável. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 17, n. 192, p. 142-154, 2017.
- CASTRO, C. N.; Conceitos e legislação sobre a agricultura familiar na América Latina e no Caribe. In: CASTRO, César Nunes (Org.). **Agricultura familiar no Brasil, na América Latina e no Caribe: institucionalidade, características e desafios**. Brasília: Ipea, 2024. p. 21-62.
- CHARLES, H; TIANCHEN, W; GEORGE, W. N; BATTESE, G. E.; VILLANO, R. A. Family farms plus cooperatives in China: Technical efficiency in crop production. **Journal of Asian Economics**, v. 64, p. 101-129, 2019.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (CMMAD). **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1991.
- COSTABEBER, J. A. **Acción colectiva y project de transición agroecológica em Rio Grande do Sul, Brasil**. Córdoba, 1998. 422f. (Tese de Doutorado) Programa de Doctorado em Agroecología, Campesinado e História, ISEC-ETSIAN, Universidad de Córdoba, España, 1998.

CUNHA, C. R. **Agrobiodiversidade dos sistemas agroflorestais na Comunidade São Francisco na Costa da Terra Nova em Careiro da Várzea-AM**. 2017. Dissertação (Mestrado em Agronomia Tropical) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

FIGUEIREDO, J. S. M.; LOPES, A. C.; NOVAES, G. A.; PINTO, G. P.; COSTA, A. L.; BIGHI, A. R.; NOVAES, C. A.; CRESPO, A. M.; NASCIMENTO, P. O.; PAULA, E.; SOUZA, M. N. Cooperativismo e associativismo: importância para a sustentabilidade da agricultura familiar. In: SOUZA, Maurício Novaes (org.). **Tópicos em Gestão Ambiental**. Canoas, RS: Mérida Publishers, 2024. v. 2, cap. 10, p. 252–275.

FUCH, L. S. A. *et al.* **Agrobiodiversidade de quintais agroflorestais: manejo e estratégia de conservação em projeto de colonização na Amazônia brasileira**. 2024. Tese de Doutorado. UFRA-Campus Belém e Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA).

HELLIN, J., LUNDY, M.; MEIJER, M. Farmer organization, collective action and market access in Meso-America. **Food Policy**, v.34, n.1, 16–22, 2009.

HERRERA, K. M. *et al.* Trabalho e gestão das mulheres na agricultura familiar: uma análise a partir de estudos feministas e de gênero. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 62, n. 3, p. e281922, 2024.

INCRA-INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Projetos de Reforma Agrária Conforme Fases de Implementação**. Nov./2021. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/reforma-agraria/assentamentosgeral.pdf> Acesso em: 02jun2024.

SANTOS, I. O.; **A lida e as complexidades do cotidiano das mulheres assentadas em Selvíria-MS: trabalho, cuidado e desigualdades de gênero**. 2026. 138 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) - Faculdade de Engenharia, Universidade Estadual Paulista - Unesp, Ilha Solteira, 2026.

JALIL, L.; SILVA, L. C.; OLIVEIRA, J. Caderneta agroecológica: a contribuição das mulheres para a soberania e segurança alimentar e conservação da agrobiodiversidade. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, v. 2, n. 15, p. 98-125, 2019.

LEITE, D. L.; ANTUNES, I. F.; SCHWENGBER, J. E.; NORONHA, A. **Agrobiodiversidade como base para sistemas agrícolas sustentáveis para a agricultura familiar**. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2012. 19 p. (Embrapa Clima Temperado. Documentos, 354).

LIMA, A. E. A. A. **Manejo agroecológico de pragas: uma alternativa viável para a agricultura familiar no Assentamento Mandacaru, município de Sumé/PB**. 2014. 80 f. Monografia (Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia) – Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, Sumé, 2014.

MA, W.; ABDULAI, A. IPM adoption, cooperative membership and farm economic performance: Insight from apple farmers in China. **China Agricultural Economic Review**, v. 11, n. 2, p. 218–236, 2019.

MACHADO, A. T.; SANTILLI, J. ; MAGALHÃES, R. **A agrobiodiversidade com enfoque agroecológico: implicações conceituais e jurídicas**. Brasília, DF: Embrapa Informação tecnológica, 2008. 98 p.

MOREIRA, R. J. Críticas ambientalistas à Revolução Verde. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 39–52, out. 2000.

NAIR, P.K.R. The role of soil science in the sustainability of agroforestry systems: eliminating hunger and poverty. *In*: GAMA-RODRIGUES et al. (eds) **Sistemas agrofloretais: bases científicas para o desenvolvimento sustentável**. 2006, p.203-216.

NÓBREGA, D. O.; ANDRADE, E. R. G.; MELO, E. S. N. Pesquisa com grupo focal: contribuições ao estudo das representações sociais. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 3, p. 433–441, set. 2016.

OLIVEIRA, E. C. M; *et al.* A importância da Agroecologia na execução das ações do programa nacional de conservação, manejo e uso sustentável da agrobiodiversidade. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA. **Las mujeres en la agricultura: Cerrar la brecha de género en aras del desarrollo**. Rome: FAO, 2011. Disponível em: <http://www.fao.org/3/i2050s/i2050s00.htm>. Acesso em: 27 set. 2024.

RODRIGUES, D. M; *et al.* Agrobiodiversidade e os serviços ambientais: perspectivas para o manejo ecológico dos agroecossistemas no estado do Pará. **Revista Agroecossistemas**, v. 4, n. 1, p. 12-32, 2012.

PALUDO, R.; COSTABEBER, J. A. Sistemas agrofloretais como estratégia de desenvolvimento rural em diferentes biomas brasileiros. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 7, n. 2, p. 63-76, 2012.

SILIPRANDI, E. Agroecologia, agricultura familiar e mulheres rurais. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, p. 11, 2007.

SIMÕES, B. C.; SANTOS, L. S.; SILVA, D. P.; SANT'ANA, A. L. Diagnóstico da produção vegetal e animal dos(as) agricultores(as) familiares participantes da Feira Livre de Selvíria – MS. **Cadernos de Agroecologia**, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - v. 19, n. 1, p.01-07, 2024

SERVA, M. R. O. **Racionalidade e organizações: o fenômeno das organizações substantivas**. 1996. 696 f. Tese (Doutorado em Administração) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getulio Vargas, São Paulo, 1996.

SOUZA, K. R.; KERBAUY, M. T. M. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21-44, 2017.

SILVA, R. A; TORRES, M. B. R. Cuidado ambiental na agricultura familiar e agroecológica. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 36, n. 3, p. 178-197, 2019.

SPANEVELLO, R. M.; MATTE, A.; BOSCARDIN, M. Crédito rural na perspectiva das mulheres trabalhadoras rurais da agricultura familiar: uma análise do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). **Revista Latinoamericana**, v. 15, n. 44, p. 393-414. 2016.

VARGAS, D. L. (Des)caminhos da extensão rural na assistência às comunidades artesanais do Pampa Gaúcho: o contexto da Vila Progresso em Caçapava do Sul-RS. **Revista de Extensão e Estudos Rurais**, Viçosa, v. 6, n. 2, p. 45–61, jul./dez. 2017.

VEIGA, J. E. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI**. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. 220 p.

VIEIRA, S. C; BERNARDO, C. H. C; LOURENZANI, A. E. B. S. Política Pública de ATER para o desenvolvimento rural sustentável na Agricultura Familiar. **Revista Eletrônica Competências Digitais para Agricultura Familiar**, v. 1, n. 1, p. 1-22, 2015.